

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS – FALE
CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS

IVAN DOS SANTOS SOUZA

CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS EM A *ÚLTIMA TRAGÉDIA*, DE ABDULAI SILA

MACEIÓ

2021

IVAN DOS SANTOS SOUZA

CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS EM *A ÚLTIMA TRAGÉDIA*, DE ABDULAI SILA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso Letras-Português, como um dos requisitos necessários para a obtenção do título de Licenciatura em Letras-Português, pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Gabriela Cardoso Fernandes da Costa

MACEIÓ

2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S729c Souza, Ivan dos Santos.
Construções identitárias em A Última tragédia, de Abdulai Sila / Ivan dos Santos Souza. – 2021.
39 f.

Orientadora: Maria Gabriela Cardoso Fernandes da Costa.
Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Letras - Português) –
Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 37-39.

1. Sila, Abdulai, 1958-. 2. Literatura guineense. 3. Tradição oral na literatura. I. Título.

CDU: 821.134.3(665.7)



ATA DA REUNIÃO DE JULGAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO/A ALUNO/A: Van dos Santos Souza
 MATRÍCULA: 14211019
 TÍTULO DO TCC: Construções identitárias em "A última tragédia", de Abdulai Sila

Ao(s) 14 dia(s) do mês de abril do ano de 2021, reuniu-se a Comissão Julgadora do trabalho acima referido, assim constituída:

Prof./a Orientador/a: Maria Gabriela Cardoso Fernandes da Costa

1º Prof./a Examin./a: Marcus Vinicius Matias

2º Prof./a Examin./a: Amarino Oliveira de Queiroz

que julgou o trabalho () APROVADO () REPROVADO, atribuindo-lhe as respectivas notas:

Prof./a Orientador/a: 10,0 (dez inteiros)

1º Prof./a Examin./a: 10,0 (dez inteiros)

2º Prof./a Examin./a: 10,0 (DEZ INTEIROS)

totalizando, assim a média 10,0 (DEZ INTEIROS).

e autorizando os trâmites legais. Estando todos/as de acordo, lavra-se a presente ata que será assinada pela Comissão.

Maceió, 14 de abril de 2021.

Maria Gabriela Cardoso Fernandes da Costa
 Prof./a Orientador/a:

Marcus Vinicius Matias
 1º Prof./a Examin./a:

Amarino O. Queiroz
 2º Prof./a Examin./a:

[Assinatura]

VISTO DA COORDENAÇÃO
 Rosana Taciana Portela N. dos Santos
 Téc. em Assuntos Educacionais
 SIAPE 1928301



inclusão
 expansão
 inovação

Universidade Federal de Alagoas - Ufal
 Campus A. C. Simões - Av. Lourival Melo Mota, s/n, Tabuleiro do Martins - Maceió - AL, CEP: 57072-970
 Coordenação da Faculdade de Letras - Fale Site: www.fale.ufal.br E-mail: coordlet@ufal.br
 Fone (82) 3214-1333

A C. H. Souza (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a mim por suportar firmemente estes longos e turbulentos anos, em que pude nascer, florescer, amadurecer; lançar frutos, ainda que poucos; morrer e, por fim, voltar à vida. Anos difíceis, anos de dores e vontade de lançar-me para longe de tudo, mas o poder e a vontade de um filho de Áries de entrar na guerra, permanecer nela, lutar bravamente e dela sair vencedor foram maiores do que tudo. Assim fiz eu.

Agradeço ao meu pai, Cícero Henrique, *in memoriam*, por tudo o que eu sou. Infelizmente não pode acompanhar o meu percurso universitário, como era seu sonho. Mas este momento também é teu, pai.

Agradeço à minha mãe, Maria do Carmo (Carminha), por todo seu apoio e incentivo. Agradeço-te, mãe, por estimular-me na busca e na realização de tudo o que desejo, por acreditar em mim, infinitamente mais do eu mesmo ainda acredito. Obrigado por deixar sempre aquele cafezinho com biscoitos que tanto comi nas madrugadas que passei estudando e fazendo minhas pesquisas durante toda a graduação.

À professora Dra. Maria Gabriela, por todo empenho, cuidado e dedicação à leitura de cada parágrafo deste trabalho. Sou grato por acompanhar-me pacientemente nesta jornada e grato por me mostrar as literaturas africanas de língua portuguesa que tanto amo.

À minha amiga Arla Campos, pelo companheirismo e amizade, por contribuir direta e indiretamente para a elaboração deste trabalho. Sempre ouvi atentamente suas ideias e sugestões. Jamais esquecerei os anos que passamos juntos, as nossas histórias (as boas e, principalmente, as péssimas). Amo você minha amiga.

RESUMO

Após mais de quatro décadas de independência, a República da Guiné-Bissau, pequeno país localizado na costa ocidental da África, ainda permanece envolta em um ambiente de incertezas em que a instabilidade política faz com que a nação viva constantes golpes políticos que derrubam seus governantes, e onde a maior parte da população vive abaixo da linha da pobreza e com uma das menores expectativas de vida do mundo. A Guiné-Bissau possui um quadro literário escrito em língua portuguesa mais recente, se comparada às demais ex-colônias portuguesas, agravado pela falta de um movimento cultural-literário que formentasse essa produção no país, que agora, no entanto, permanece em significativo avanço paralelo com as criações na oralidade balanta, mandjaco, papel e etc, e na língua guineense de base portuguesa: kriol, manifestações que existiam antes do advento da literatura escrita em português. O presente trabalho propõe o estudo das representações identitárias na obra *A Última Tragédia* (1995) do escritor Abdulai Sila, buscando evidenciar o entrelaçamento entre tradição e modernidade na construção de um novo ser identitário alicerçado no conceito de guineensidade. Para levar a cabo o trabalho aqui proposto, partimos da análise de três personagens da obra em pauta, a saber: Ndani, a menina negra que sai do ambiente rural em que vivia para a cidade, em busca de melhores condições de vida, no mundo dos brancos, e se vê mergulhada em um processo de assimilação monitorado pela sua patroa; o Régulo de Quinhamel, que ao ter a sua autoridade desafiada pelo Chefe de Posto, representante do governo colonial, decide reagir e lutar com as mesmas armas que simbolizavam esse poder, a construção de uma escola, por exemplo, ao mesmo tempo em que planeja o processo de descolonização, com vistas à liberdade de seu povo; o Professor, culturalmente assimilado porque educado dentro do sistema colonial, mas que no contato com Ndani e o Régulo se apercebe das falhas e das injustiças daquele sistema. Injustamente preso, luta por sua nova identidade, livre da opressão do colonialismo. Para análise dessas personagens e para chegarmos ao objetivo aqui proposto, utilizamos como embasamento teórico as ideias de AUGEL (2007) e SEMEDO (2018), necessárias para uma compreensão da literatura guineense; de HALL (2006) sobre as questões inerentes à identidade; de NASCIMENTO ALVES (2018) e VALANDRO (2011) como suporte para a análise da obra em estudo, entre outros estudiosos, que serão citados ao longo deste trabalho.

Palavras-chave: Literatura guineense. Abdulai Sila. Tradição. Modernidade. Identidade.

RESUMEN

Después de más de cuatro décadas de independencia, la República de Guinea-Bissau, el pequeño país ubicado en la costa occidental de África, aún permanece envuelta en un entorno de incertidumbre en el que la inestabilidad política hace que la nación experimente constantes golpes políticos que derrocan a sus gobernantes y donde la mayoría de la población vive por debajo del umbral de pobreza y con una de las expectativas de vida más bajas del mundo. Guinea-Bissau tiene un cuadro literario más reciente escrito en portugués, en comparación con otras antiguas colonias portuguesas, agravado por la falta de un movimiento cultural-literario que configura esta producción en el país, que ahora, sin embargo, sigue en marcha paralela con las creaciones de oralidad balanta, mandjaco, papel, etc, y en el idioma guineano de base portuguesa: kriol, manifestaciones que existían antes del advenimiento de la literatura escrita en portugués. El presente trabajo propone el estudio de las representaciones identitarias en el libro *La Última Tragedia* (1995) del escritor Abdulai Sila, buscando resaltar el entrelazamiento entre tradición y modernidad en la construcción de una nueva identidad basada en la guineensidad. Para llevar a cabo el trabajo propuesto aquí partimos del análisis de tres personajes de la obra en cuestión, o sea: Ndani, la niña negra que abandona el medio rural en el que vivía por la ciudad, en busca de las mejores condiciones de vida, en el mundo de los blancos, y se encuentra inmersa en un proceso de asimilación por parte de su empleador; el Régulo de Quinhamel, quien, habiendo cuestionado su autoridad por el Chefe de Posto, representante del gobierno colonial, decide reaccionar con las mismas armas que simbolizaron este poder, mientras planifica el proceso de descolonización, con miras a la libertad de su gente; el profesor, asimilado culturalmente porque educado dentro del sistema colonial, que en contacto con Ndani y Régulo se da cuenta de las fallas e injusticias de ese poder. Detenido, lucha por su nueva identidad libre de la opresión del colonialismo. Para analizar estos personajes y llegar al objetivo aquí propuesto, utilizamos las ideas de AUGEL (2007) y SEMEDO (2018) como base teórica necesaria para la comprensión de la literatura guineana; de HALL (2006) sobre cuestiones inherentes a la identidad; por NASCIMENTO ALVES (2018) y VALANDRO (2011) como soporte para el análisis del trabajo en estudio, entre otros teóricos que serán citados a lo largo de este trabajo.

Palabras clave: Literatura guineana. Abdulai Sila. Tradición. Modernidad. Identidad.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	7
CAPÍTULO 1 – DOIS DEDOS DE HISTÓRIA E DE LITERATURA.....	9
1.1 CONHECENDO A GUINÉ-BISSAU.....	9
1.2 INDEPENDÊNCIA E POLÍTICA DA GUINÉ-BISSAU.....	10
1.3 UMA LITERATURA TARDIA.....	12
1.4 ABDULAI SILA E A <i>ÚLTIMA TRAGÉDIA</i>	13
CAPÍTULO 2 – CONSTRUINDO IDENTIDADES.....	18
2.1 O TERCEIRO LUGAR IDENTITÁRIO PARA ALÉM DA TRADIÇÃO E DA MODERNIDADE: A TRAJETÓRIA DE <i>N-DANI-ELA</i>	18
2.2 A REPRESENTAÇÃO DA TRADIÇÃO E DA RESISTÊNCIA NA FIGURA DO RÉGULO DE QUINHAMEL.....	24
2.3 O PROFESSOR E AS INQUIETUDES REVOLUCIONÁRIAS DO NOVO.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	36

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Refletir sobre as literaturas africanas é pensar em tradição oral, na contação de histórias ao redor da fogueira. Mas, e, ao mesmo tempo, é também pensar em seu contexto histórico de guerras que fez muitos escritores exporem, através da literatura, o período da colonização, de seu ponto de vista, e as marcas subsequentes deixadas, como em *A última tragédia* (1995), do escritor guineense Abdulai Sila.

Com uma extensão de 36.125 km a Guiné-Bissau é um dos países africanos politicamente mais inconstantes, marcado por revoltas e golpes políticos, o que acaba por afetar a população que vive abaixo da linha da pobreza e expõe o país como um dos índices de desenvolvimento mais baixo, juntando a isso a baixa taxa de expectativa de vida.

A par disso, a Guiné-Bissau dispõe de um grande e diversificado patrimônio cultural. Suas diferenças étnicas e linguísticas deram origem a uma grande variedade de manifestações culturais: a dança, como uma fiel expressão artística dos diferentes grupos étnicos, caracterizada pelas belas e coloridas coreografias, que podem ser observadas em ocasiões das mais diversas como nas colheitas, nos casamentos, nos funerais, nas cerimônias de iniciação; a música, onde o estilo mais importante é o Gumbé. O Carnaval guineense, completamente original e com características próprias, segue em evolução, tornando-se uma das maiores manifestações culturais do País.

Na literatura, os aspectos culturais têm papel preponderante e se destacam como marcas identitárias, conforme é possível observar no romance de Abdulai Sila, objeto des estudo. Em relação às demais literaturas africanas de língua portuguesa, a da Guiné-Bissau é ainda considerada, de certa forma, incipiente. Esse cenário de desconhecimento se dá em virtude do tardio desenvolvimento do próprio país, pois o sistema educacional foi ignorado pelo colonizador, atingindo apenas uma ínfima parcela da população local que, tidos como assimilados, eram educados na fé cristã. Esse fato acabou por retardar por muito tempo a criação da imprensa no país, como uma das fomentadoras de uma literatura nacional, escrita em língua portuguesa, a exemplo do que aconteceu nas demais ex-colônias portuguesas.

Com base nesses pressupostos, o presente trabalho propõe analisar três das personagens do romance *A Última Tragédia*, de Abdulai Sila, Ndani, o Professor e o Régulo

de Quinhamel, a partir das marcas identitárias de cada uma delas, buscando evidenciar o entrelaçamento entre tradição e modernidade na formação de uma nova identidade.

Para a construção deste trabalho utilizamos como base teórica o estudo presente em *O Desafio O Escombro: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau* (2007) de Moema Augel, referente ao campo literário guineense, com o foco na compreensão dessa literatura, como também, a sua produção e recepção. Para além do campo literário, e abordando as questões de identidade, que se fazem presentes na obra estudada, tomamos como base a concepção de identidade, tradição e modernidade proposta por Stuart Hall, em *A Identidade Cultural Na Pós-Modernidade* (2006), além de outros títulos que serão citados ao longo do estudo aqui proposto.

CAPÍTULO 1 – DOIS DEDOS DE HISTÓRIA E DE LITERATURA

1.1 CONHECENDO A GUINÉ-BISSAU

A República da Guiné-Bissau, que tem Bissau como capital, localiza-se na Costa Ocidental da África fazendo fronteira com o Senegal ao norte, com a Guiné ao sul e ao leste e com o oceano Atlântico a oeste. Também faz parte de seu território o arquipélago dos Bijagós, separado do Continente pelos canais de Geba, Pedro Álvares, Boloma e Canhabaque, que é composto por mais de 80 ilhas. Segundo Pinto (2009, p. 12), “O conjunto equivale a 36 125 Km², embora uma parte da área marginal seja periodicamente submersa pela maré-alta (macaréu).” Sua superfície continental consiste em uma parte costeira semi-pantanososa e numa zona planáltica pouco elevada. O país possui números rios dentre os quais se destacam: Geba, Cacheu, Corubal e Grande de Buba.

O clima é tropical, húmido e quente, com duas estações: a da seca e a das chuvas. A primeira estende-se sensivelmente entre dezembro e abril. A segunda inicia-se habitualmente em meados de maio e segue até novembro. A demarcação geográfica do país se deu através do tratado assinado em 1886 entre Portugal e França, o qual “teve como base a carta da Conferência de Berlim que definiu e instituiu a delimitação e ocupação do continente africano em 1885.” (SEMEDO, 2010, p.20).

Com uma economia ainda pouco desenvolvida, a agricultura é a responsável por absorver mais de 80% da força de trabalho local. Baseia-se no cultivo de castanha de caju, sendo o sexto maior produtor mundial, algodão, arroz, inhame, banana, manga e cana-de-açúcar. Segundo Moema Augel,

a produção agrícola mais representativa, constituindo a maior porcentagem das exportações, é o caju, cultivado por causa da castanha, exportada, sem processamento, em grandes quantidades. A produção de arroz é básica para a alimentação da população (AUGEL, 2007, p.50).

Toda essa atividade econômica ocupa cerca de 12% da superfície territorial do país. A pesca é outro elemento de importância para a economia nacional: o país é exportador de camarão. Existem grandes reservas minerais ainda a serem exploradas em Guiné-Bissau, nas quais já foram confirmadas reservas de fosfato, bauxita e petróleo.

O país apresenta diversos problemas socioeconômicos, possuindo um dos seis piores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do planeta. A maior parte de sua população vive abaixo da linha da pobreza e tem uma das menores expectativas de vida do mundo, em média 47 anos.

Um dos reflexos para isso são as contínuas trocas de poderes. A política em Guiné-Bissau é instável, com constantes golpes que derrubam seus governantes, o que faz com que a população guineense perca completamente a sua confiança no sistema político, e busque sobreviver, apesar da estagnação econômica que toma conta do país.

Segundo Paula Pinto,

O Censo populacional de 1991 apontou para uma população de 983 367 habitantes. As estimativas da ONU para meados de 2005 apontavam para 1 586 000. O WorldFact Book refere uma população de 1 472 780, em Julho de 2007, com uma idade média de 19,1 anos. A população estimada para Bissau em 2003 era de 335 8764. A esperança média de vida é de aproximadamente 47 anos (PINTO, 2009, p.12).

1.2 INDEPENDÊNCIA E POLÍTICA DA GUINÉ-BISSAU

A República da Guiné-Bissau foi a primeira colônia portuguesa em África a ter a sua independência reconhecida por Portugal, em setembro de 1974, por meio de uma revolta armada de grande impacto, causando inúmeras mortes dos dois lados. Entretanto, em 1973, um ano antes desse reconhecimento, o PAIGC, movimento de libertação¹ já tinha declarado, de forma unilateral, a independência do país. Cerca de 80 países reconheceram essa independência. Mas Portugal só a reconheceu no pós 25 de Abril de 1974. De acordo com a escritora guineense, Odete Semedo,

A ocupação colonial, intensamente contestada durante vários períodos da sua instalação na Guiné-Bissau, provocou uma luta armada que durou onze anos, com seu início nos anos 60, conduzido pelo partido Africano da Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC) – liderado por Amílcar Cabral (SEMEDO. 2011, p. 21).

1 O Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde, também conhecido pela sigla PAIGC, foi o movimento que organizou a luta pela independência da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, que eram colônias de Portugal. Desde a pós-independência até os dias de hoje o PAIGC continua a ser o maior partido político da Guiné-Bissau. (<http://www.paigc.net/historia.html>).

Semedo afirma ainda que “para Portugal a Guiné não passava de um entreposto de comércio de escravos, um centro comercial e não uma colônia de assentamento.” (2011, p. 25). Em novembro de 1974 foi transmitida, via rádio, a cerimônia oficial da troca de poderes das forças portuguesas para o novo governo da Guiné-Bissau, que passou a ser liderada por Luís Cabral, que também tomou posse no comando do PAIGC², irmão de Amílcar Cabral, o grande líder da revolta guineense, assassinado em 1973, em uma emboscada, no Senegal.

A partir da sua independência, foi adotado no país o modelo de desenvolvimento proposto pelo PAIGC, baseando-se no socialismo.

Após a conquista da independência política em 1974, a Guiné-Bissau optou por um modelo de desenvolvimento profundamente inspirado no modelo socialista, embora o PAIGC, partido que conduziu vitoriosamente a luta de libertação nacional contra o colonialismo português, nunca tivesse inscrito no seu programa, como fizeram os seus “companheiros” de luta de Angola e Moçambique, a construção do socialismo científico como uma meta a atingir. Esta opção tinha sido motivada essencialmente por duas razões: Por um lado, a ajuda recebida dos países socialistas e particularmente da então União Soviética tinha que ser de alguma forma reconhecida. [...] Por outro lado, os países que tinham ensaiado um modelo de desenvolvimento de tipo liberal viram as suas estratégias fracassadas [...] (AUGEL; CARDOSO. 1996, p. 15).

Em 1980 houve o acontecimento que mudou o rumo da história do projeto da unidade Guiné/Cabo Verde, que vinha desde a luta de libertação nacional, o chamado Movimento Reajustador, de 14 de novembro de 1980. Com ele veio o golpe de Estado que derrubou Luís Cabral do poder e deu fim à unidade política com Cabo-Verde. Segundo Delfim Silva (2003),

Na noite do 14 de Novembro de 1980, um grupo de patriotas, constituídos em Comando Operacional com a total adesão dos três ramos das nossas Forças Armadas, assumiu o poder na República da Guiné-Bissau. Esse grupo de patriotas, todos militantes do PAIGC sob a liderança esclarecida do Comandante de Brigada João Bernardo Vieira, Nino, constituiu o Conselho da Revolução que destituiu o ex-presidente Luiz Cabral e dissolveu a Assembleia Nacional Popular e extinguiu o Conselho dos Comissários de Estado cujos poderes assumiu (SILVA. 2003, p. 127).

Sobre o assunto, Leopoldo Amado considera que

2 Em 19 de Setembro de 1956, Amílcar Cabral, Aristides Pereira, Luís Cabral, Júlio de Almeida, Fernando Fortes e Elisée Turpin criaram o Partido Africano da Independência/União dos Povos da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), defendendo a independência de Cabo Verde e Guiné de Portugal. (<http://www.paigc.net/historia.html>).

o golpe de Estado de 14 de Novembro de 1980 revelava pela primeira vez depois da independência que a questão dos combatentes da liberdade da pátria no pós-independência era um problema gravíssimo para qual o Estado teria de encontrar uma fórmula que afrouxasse as enormes expectativas sociais por ele criadas durante a luta de libertação, problema esse que [...] tem constituído um verdadeiro calcanhar de Aquiles aos sucessivos Governos, justamente porque se mantém transversal como causa recorrente das sucessivas crises e ciclos de instabilidade político-sociais que a Guiné-Bissau vem experimentando nos últimos anos (AMADO. 2005, p. 124).

A partir desse momento dá-se início a uma série de acontecimentos políticos que assolam a República da Guiné-Bissau até os dias atuais. Vários dos presidentes que tomaram posse sofreram um golpe de Estado. Entre eles destaca-se João Bernardo Vieira, mais conhecido por Nino Vieira³, assassinado em 2009. Por três vezes foi presidente da Guiné-Bissau e foi o primeiro presidente a ser eleito democraticamente.

1.3 UMA LITERATURA TARDIA

A Guiné-Bissau é, dentre as antigas colônias portuguesas, o país onde ocorreu uma maior demora no desenvolvimento da literatura escrita em língua portuguesa, muito embora existia uma produção literária feita através da oralidade em línguas autóctones, dentre elas: balanta, mandjaco, papel, etc. Esse atraso é decorrente do fato de a Guiné-Bissau ser uma colônia de exploração e não de povoamento, como já foi dito, estando submetida ao governo geral da colônia de Cabo Verde por um bom tempo. A sua tardia entrada na literatura escrita em língua portuguesa se agrava devido a não existência de um movimento cultural-literário que incitasse a produção dessa literatura no país. Havia, sim, movimentação cultural que reunia manifestações orais em poesia, música, narrativas e etc, em línguas autóctones. Para Russel Hamilton (1984, p. 5), “são óbvias as desvantagens de não ter havido um movimento cultural-literário na Guiné-Bissau no tempo colonial.” Mas também há certas vantagens para os iniciadores de uma literatura guineense nos primeiros momentos da independência nacional.

3 Alguns meses depois, no dia 1 de Março de 2009, o Chefe das CEMGFA, General Tagme Na Way de etnia Balanta, foi morto por um atentado a bomba. No dia seguinte do mesmo mês, o presidente da república, o General João Bernardo Vieira, de etnia Papel, acabou sendo também assassinado em frente a sua residência. (DJAU, 2016, p. 43).

Com uma literatura escrita que ainda está engatinhando, se comparada a outros países como Angola e Moçambique, ambas ex-colônias portuguesas, a literatura da Guiné-Bissau ainda enfrenta dificuldade de aceitação, valorização e reprodução dentro do território africano, em que sua literatura ocupa a posição de periferia da periferia (AUGEL, 2007, p. 122-123).

Moema Augel, ainda sobre o não reconhecimento da literatura guineense, faz a seguinte afirmação:

É frequente que sejam organizadas coletâneas de ensaios sobre a literatura africana de expressão portuguesa, e a Guiné-Bissau não seja referida. Outras vezes, o número de páginas dos ensaios é determinado proporcionalmente pela importância atribuída ao país. [...] É lamentável constatar que, mesmo em publicações recentes, prolonga-se a mesma situação da época de Manuel Ferreira, como se a Guiné-Bissau ainda fosse “um espaço em branco” em relação ao mundo das letras. (AUGEL, 2007, p.123)

Consequentemente, essa situação também tem como responsável o próprio país por não ter já elaborado uma melhor forma de divulgação e uma política cultural que possa fazer com que ele entre em evidência, em outras palavras, que a Guiné-Bissau se faça aparecer. (AUGEL, 2007, p.123).

A Guiné-Bissau apresenta quatro fases distintas em sua literatura escrita em português: uma primeira fase anterior a 1945; uma segunda, entre 1945 e 1970; uma outra entre os anos de 1970 e o fim da década de 1980, até aqui todas relacionadas ao campo da poesia, e, finalmente, a fase iniciada no início dos anos de 1990, à qual me aterei, pois é em 1994 que a Guiné-Bissau tem seu primeiro romance publicado, dando início a sua literatura em prosa.

Na fase pós-independência, ainda dentro da poesia, e presente na maior parte das publicações, é possível constatar o desejo de busca pela afirmação de uma identidade individual e coletiva, que se processa através do resgate das raízes culturais, ou seja, da retomada cultural (AUGEL, 2007, p. 234). São os poetas que, nos primeiros momentos da independência, promovem, como afirma Moema Parente Augel, “a afirmação identitária, assumindo a africanidade e a fidelidade à tradição, sem renunciarem ao progresso do mundo atual” (2007, p. 364).

1.4 ABDULAI SILA E A *ÚLTIMA TRAGÉDIA*

Com a publicação de *Eterna Paixão*, em 1994, Abdulai Sila figura para a literatura guineense como o primeiro autor de um romance, forma literária até então inexistente no país, tornando-se uma das vozes mais destacadas da literatura guineense contemporânea. Seus três romances, além do já citado, são: *A Última Tragédia*, de 1995 e *Místida*, de 1997.

Em suas obras Sila traz a narração da nação, que mesmo após tornar-se independente, ainda se depara com muitos problemas. Para Augel (2007, p. 304), “um dos traços mais marcantes da produção africana é o interesse pela questão dos novos poderes a partir da independência”, como acontece em *A Última Tragédia*, foco deste trabalho, cuja ação se situa na época colonial, e onde as localidades Quinhamel, Biombo, Catió e Bissau são o palco dos acontecimentos.

Nascido em Catió, sul da Guiné-Bissau, em abril de 1958, Abdulai Sila cursou engenharia eletrotécnica em Dresden, na Alemanha (1979-1985), especializando-se nos domínios de redes de computação e de telecomunicações nos Estados Unidos. Atualmente, trabalha como administrador de sistemas numa empresa de telecomunicações. Em Bissau, foi um dos constituintes do pequeno núcleo de intelectuais fundadores do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, o INEP, instituição com reconhecimento internacional, desenvolvendo estudos teóricos e aplicados nas áreas das ciências políticas, sociais e econômicas. Entre as várias atividades de caráter cultural que desenvolve, salientam-se a participação no GREC (Grupo de Expressão Cultural) e na revista cultural *Tcholona*, além de ser sócio-fundador da Editora Ku Si Mon. Autor dos romances *Eterna paixão* (1994), *A última tragédia* (1995) e *Mistida* (1997), a apelidada trilogia guineense, o escritor publicou também vários artigos nas áreas de energia, tecnologia e telecomunicações, além de crônicas sobre a situação sociopolítica de seu país, que foram publicadas na imprensa guineense, bem como textos para teatro.

Publicado na década de noventa, o romance *A última tragédia* (1995) faz um recuo no tempo e evidencia a realidade da então colônia portuguesa, propiciando uma visão

completa da sociedade que então se vivia, dividida entre o preto de um lado e o branco do outro⁴.

A narrativa desta obra de Abdulai Sila trata da questão da construção da identidade nacional guineense ao tempo em que denuncia a depreciação do negro frente a uma suposta superioridade do branco colonizador. Segundo Rosilda Alves Bezerra (2009, p. 3), “é assim que o romance norteia a insistência de frisar a ‘inferioridade congênita’ do negro, ‘legitimada’ pela colonização e pela missão salvadora e civilizatória atribuída, nessa época, ao branco”.

O romance começa com uma pergunta: “– Senhora, quer criado?”. É Ndani quem a formula, na tentativa de conseguir um lugar no mundo dos brancos. Encantada com os relatos de uma de suas quatro madrastas, que lhe era mais próxima e que já tinha trabalhado como criada na casa de brancos, a personagem foge de sua casa em Biombo, para Bissau, a capital, a fim de, seguindo os passos da madrasta, procurar trabalho como criada na casa de brancos e também para escapar de uma maldição posta sobre ela por um líder religioso da comunidade em que morava. A maldição dizia que ela era portadora de maus espíritos e que sua vida traria infelicidade e tragédias a quem dela se aproximasse, o que motivava o afastamento de todas as pessoas que tinham conhecimento desse fato.

Depois de muito procurar por alguém que aceitasse seus serviços, Ndani acabou sendo admitida para trabalhar na casa de Dona Deolinda e seu esposo, o Senhor Leitão. Mas a patroa não aceitou o seu nome, por considerá-lo um “nome comunista”, e passou a chamá-la de Maria Daniela. Durante toda a narrativa, Ndani relembra as histórias contadas por sua madrasta e comprova que ela tinha mesmo razão quando dizia que os brancos eram diferentes dos negros.

Imbuída de um sentimento cristão, porque achava que tinha a missão de salvar todos os pretos, a patroa obriga Ndani/Daniela a frequentar a igreja, o que ela finge aceitar de bom grado, porque, no fundo, o seu deus era Yran. Dando prosseguimento à sua “missão”, coerente com o sistema assimilacionista, Dona Deolinda promove a abertura de escolas para que um número maior de indígenas fossem catequizados e, a partir deles, outros fossem

4 Usaremos as palavras preto quando nos referirmos ao colonizado e branco, ao colonizador, seguindo a terminologia utilizada na obra, e de acordo com o sistema colonial vigente.

salvos na fé cristã⁵. Absorta nessa empresa ela esquece que seu marido tinha o costume de violentar as criadas; Ndani acaba sendo vítima dessa violência sexual.

No terceiro capítulo, a narrativa muda de perspectiva e, conseqüentemente, de protagonista. Agora, a ação narrativa passa a focar os pensamentos do Régulo de Quinhamel, que tinha três Conselheiros para ajudá-lo a pensar nas decisões a serem tomadas e, assim, resolver os problemas existentes da melhor forma possível. Nesse ínterim, o novo Chefe de Posto, representante da administração colonial, começou a questionar as regras de cobrança de impostos, querendo que todos, sem exceção, os pagassem, inclusive o Régulo, que, entretanto, como autoridade que era, estava isento desse pagamento. Essa nova regra inquietou o Régulo, por imaginar o quanto sua autoridade seria ameaçada pelo povo caso tivesse mesmo que pagar impostos como qualquer outro cidadão comum. Apesar de o Chefe de Posto ter afirmado, posteriormente, que havia sido somente uma brincadeira, que ele não teria que pagar impostos, o Régulo não acreditou nele e começou a pensar em possíveis formas de se vingar do Chefe, e também na forma de expulsar os brancos de suas terras.

O capítulo seguinte é dedicado ao plano de vingança do Régulo. Esse plano consistia, primeiramente, na construção de uma casa mais bonita do que a do branco; depois, ele teria de arranjar uma mulher que soubesse cuidar da casa como uma branca; o terceiro ponto da vingança seria a construção de uma nova escola⁶. Como as suas cinco mulheres não entendiam do ofício de lidar com a casa, o Régulo precisaria de uma nova esposa que tivesse esse conhecimento e que, além disso, de acordo com a tradição, fosse virgem.

É nesse momento que, de novo, a personagem Ndani entra na narrativa. Ela acaba sendo escolhida como a sexta mulher do Régulo que, contrariando os Conselheiros, ignorou os seus avisos sobre a maldição que ela carregava e a tomou como esposa. Porém, o casamento não deu certo porque Ndani não era mais virgem. Ela havia sido violentada pelo marido da patroa, conforme referido anteriormente. Vendo os seus planos frustrados, o marido (o Régulo) abandonou-a sozinha na casa nova.

5 A Igreja e a religião católica tiveram importância fundamental no processo de assimilação dos colonizados.

6 Segundo Salvato Trigo (s/d, p.148), a escola e a prisão foram instituições de grande importância para o sistema colonial. Na escola, procurava-se dominar os colonizados pelo apagamento de seus valores culturais, pelo banimento de sua língua e pelo apagamento de sua história, para imposição dos valores europeus, que a escola colonial defendia e divulgava. A prisão servia para amedrontar, pela violência física, a resistência de quem não aceitava a opressão colonial. Entretanto, a nova escola inaugurada pelo Régulo e com um professor negro não obedeceria às regras das escolas coloniais; seria o lugar de aprendizado e manutenção dos valores culturais autóctones como forma de resistência.

Entretanto, há uma nova personagem que começa a fazer parte da narrativa e tem um papel fundamental na reviravolta da história. Trata-se do Professor contratado para dar aula na escola construída pelo Régulo. Com ele, Ndani volta a ter uma chance com o amor. Após a morte do Régulo ela e o Professor decidem morar em outro lugar, Catió, com seus filhos. Mas em uma partida de futebol o professor envolve-se numa briga com o Administrador, representante do poder colonial, revidando a agressão que havia sofrido por parte dele. Uma semana depois o Administrador morre, o professor é acusado de assassinato e é enviado a São Tomé e Príncipe para cumprir a pena. Em vão Ndani se dirigiu todos os anos até o porto para esperar o retorno do seu amado, que nunca retornou. Enlouquecida, ela vê a figura do feiticeiro que a predestinou com o espírito de tragédia e acaba se lançando ao mar, morrendo afogada.

CAPÍTULO 2 – CONSTRUINDO IDENTIDADES

2.1 O TERCEIRO LUGAR IDENTITÁRIO PARA ALÉM DA TRADIÇÃO E DA MODERNIDADE: A TRAJETÓRIA DE *N-DANI-ELA*

A heroína do romance, Ndani, é uma adolescente nativa que sai de seu povoado, Biombo, para a capital, Bissau. Como a ação se passa em algum momento entre os últimos tempos antes da libertação da Guiné-Portuguesa, posteriormente Guiné-Bissau, do colonialismo português, podemos observar as relações de conflito entre colonizador e colonizado, a partir da visão e da trajetória dessa personagem.

Ndani, que, subsequentemente, na narrativa, passará a se chamar Daniela, foge de seu povoado em busca de um novo lugar no mundo, pois se sente culturalmente deslocada nesse lugar em que vive e onde ela era tida, segundo o Djambakus⁷, como “portadora de um mau espírito, da alma de um defunto mau, e lhe vaticinara conseqüentemente uma existência turbulenta, uma vida de desgraça, de tragédias até o fim...” (SILA, 2011, p. 27). Em um conflito íntimo ela busca na capital, não só um meio de subsistência, mas um local no mundo em que ela possa sentir-se inserida sem o estigma que a acompanha.

Ela tinha preparado minuciosamente a viagem. Ninguém sabia de nada em Biombo. Ninguém, a não ser a sua madrastra amiga. Com ela aprendera aquela frase que estava repetindo vezes sem conta e outras julgadas de muita utilidade. Decorara tudo e aprendera inclusive algumas regras do comportamento que os patrões brancos exigiam dos criados pretos, maneiras próprias de responder, gestos indiciadores de obediência e de subserviência. [...]
– Senhora, quer criado? Hmm (SILA, 2011, p. 23).

Após a fuga, Ndani chega a Bissau e vai de porta em porta em busca de um emprego de criada. É dessa maneira que ela chega à casa de dona Deolinda, onde passa a trabalhar e começa a perceber, pela forma de tratamento que recebe, que nunca teria lugar nesse novo mundo, o mundo dos brancos.

Esse primeiro contato com o branco gera na personagem um conflito interno, pois ela passa a fazer comparações entre os dois mundos: o seu e aquele em que agora se achava

⁷ Espécie de líder religioso tradicional. “Indivíduo das comunidades animistas com o dom de prever o futuro e fazer vaticínios, dominando fórmulas encantatórias. É o curandeiro ou a curandeira, ou adivinho, vidente com capacidades paranormais, o xamã de certas etnias” (AUGEL, 2007, p.133).

inserida. As comparações eram inevitáveis e Ndani reconhecia essas diferenças existentes entre as duas culturas, refletidas nas atitudes comportamentais.

O que é que fazia essa diferença? Primeiro pensava que eram as coisas que eles tinham: as casas, os carros, as roupas, a comida, o dinheiro. A cor do corpo deles também, mas isso está claro, por isso é que eles se chamam branco. Mas depois descobriu que havia mais, havia ainda uma outra coisa, que no entanto custou muito tempo a descobrir, até porque não é coisa que se pode ver: o comportamento. Sim, o comportamento, a maneira de lidar com as pessoas. Aí o branco é mesmo muito diferente do preto (SILA, 2011, p. 30).

A primeira tentativa de quebra de identidade sofrida por Ndani foi com relação ao seu nome, conforme o diálogo a seguir, entre ela e a patroa:

— Como é que te chamas?
— Hmm? — O teu nome, caramba!
— Aah, Ndani, senhora. Ndani.
— Como é que és? Dânia? Dânia... mas este é um nome russo, nome comunista. Ave Maria! Vocês arranjam cada uma... com tanto nome bonito português que há por aí, o teu pai escolhe para ti um nome russo! [...] A gente vem pra esse inferno para civilizar-vos e vocês a criarem confusão... nome comunista na minha casa é que não vou tolerar. Nunca! O teu nome vai ser Daniela, ouviste? A partir de hoje, tu és Daniela, Da-ni-e-la. Maria Daniela e mais nada (SILA, 2011, p. 31).

Uma das formas utilizadas pelo colonizador de impor a sua cultura sobre a do colonizado, consistia em dar-lhe um nome português, fixando fortemente sua cultura e sua superioridade em relação à negra, “isso porque a perda do nome deve ser vista como a representação da perda da identidade africana em favor da portuguesa, como a suplantação da cultura supostamente inferior pela dita superior.” (VALANDRO, 2011, p. 53).

Para John Jefferson Nascimento Alves (2018, p. 54), “a mudança de nome lhe condiciona a uma nova identidade e a submete ao convívio com a negação dos valores tradicionais uma espécie de condenação à morte cultural.” Nome é identidade e a sua perda está atrelada à perda da sua identidade. Consequentemente, a aceitação, ainda que imposta, de um nome fora da sua cultura implica em uma rejeição cultural maternal.

Ainda nessa perspectiva, os teóricos Jean Chevalier e Alain Cheerbrant afirmam que,

[...] o nome pessoal é bem mais que um signo de identificação. É uma dimensão do indivíduo. O nome será coisa viva. Encontram-se no nome todas as características do símbolo: 1. Ele é carregado de significação; 2. Escrevendo ou pronunciando o

nome de uma pessoa, faz-se com que ela viva ou sobreviva. 3. O conhecimento do nome proporciona poder sobre a pessoa (...) (CHEVALIER e CHEERBRANT, 2009 p. 641).

Segundo Aldaneide Silva Pereira,

Para os colonizadores não bastava ter o poder administrativo da colônia, eles também se consideravam donos da população e sob imposição lhes ensinavam seus costumes, sua religião e sua língua, aqueles que não correspondessem a essa expectativa eram considerados rebeldes e ingratos, e eram duramente castigados (PEREIRA, 2010, p. 11).

Apesar desse primeiro momento em que sua identidade sofre a imposição do mais forte, Ndani não se desestabiliza.

Após o retorno de uma viagem a Portugal, onde estudavam os seus dois filhos, Dona Linda mudou por completo a forma de tratamento em relação à criada.

Foi um dia à tardinha, o senhor Leitão ainda não tinha chegado do serviço, havia um atraso qualquer. Dona Linda mandou fazer chá de hortelã. Serviu na sala e retirou-se para a cozinha. Ela chamou: "Daniela, vem cá, por favor" e quando se aproximou ela disse: "Senta-te aqui ao meu lado, por favor" (SILA, 2011, p. 33).

Ndani passou a ser mais bem tratada por ela. Apesar disso, essa súbita mudança de comportamento, que era para ela um mistério, não impediu que as diferenças entre as duas culturas se tornassem cada vez mais acentuadas. No excerto a seguir pode ser observado que Ndani, claramente, demonstra o quanto está fixada na sua cultura, em detrimento da cultura do outro, daquela que lhe queriam impor.

– Diz-me, Daniela, quantos anos tens?

[...]

– Eu tenho quinze anos, senhora.

[...]

Lá estava ela outra vez com a história das idades. Neste aspecto a madrastra tinha mesmo razão. Um vício chato esse que os brancos têm de querer saber sempre da idade. Que interesse tem decorar datas e calcular anos? A gente está viva e sã, é o que mais interessa. A idade de verdade, não vale a pena andar a falar, a gente sente no corpo. Quando a gente é jovem, até se vê na cara; quando chega a idade de parir, todas as mulheres vão parir, filhos macho ou fêmea, não interessa; quando chega a velhice, a gente sente no corpo de qualquer maneira; quando chega a hora de morrer, morre-se. Qual é então o problema? (SILA, 2011, p. 33-35).

Essa repentina mudança de tratamento de dona Deolinda em relação à criada se deve ao fato de ela achar que tinha uma missão a cumprir. E essa missão começava exatamente pela tentativa de transformação de Ndani, no processo de aculturação com vistas à assimilação, que tinha no catolicismo um de seus pilares.

— Sabes, Daniela, estive ontem a conversar sobre o assunto com meu marido; tens que começar a ir à igreja comigo. [...] O Padre disse que os europeus vieram à África para salvar os africanos. Estás a ouvir, Daniela? O Padre ainda disse que dantes esta salvação consistia em levar os negros para longe, lá para as Américas, onde não teria nem as máscaras, nem as estatuetas que veneravam, e muito menos as árvores sagradas... Mas depois viu-se que este não era o melhor método e então tivemos nós os europeus que vir para a África ensinar a religião cristã e salvar as vossas almas (SILA, 2011, p. 39-41).

A visão de dona Deolinda era a típica visão do colonizador em que “o nativo africano é pensado e representado pelo europeu ora como um bom e inocente selvagem, porém incapaz de cuidar de si mesmo, ora como uma criatura bestial e perigosa que precisa ser controlada.” (NASCIMENTO ALVES, 2018, p.59).

Segundo Perry Anderson,

Numa situação de extrema insegurança, a religião organizada, em sua finalidade de conversão da África, age como tranquilizante. O cristianismo, nas áreas coloniais, é uma domesticação da população indígena: objetivamente, atrai o africano para o pensamento e costumes europeus; subjetivamente, liberta o europeu dos seus terrores do africano, ao incluí-lo nas mesmas regras de conduta que são suas também (ANDERSON, 1966, p. 67).

Após mais essa imposição cultural, Ndani, já familiarizada com aquele ambiente, onde parecia estar bem melhor do que em Biombo, passa por um processo de transformação identitária e começa a menosprezar a sua cultura de raiz, a cultura dos pretos.

Gostaria de ver o rosto daquele djambakus, daquele mentiroso que disse que ela tinha um mau espírito no corpo, que a sua vida não seria outra coisa senão uma sucessão de tragédias. Queria vê-lo para lhe mostrar quão enganado estava. O sacana devia ver que a vida dela tinha agora. Tinha a certeza absoluta que, se o fizesse, iria arranjar outra forma de ganhar a vida. A vida dele é que era uma tragédia, uma tragédia permanente até, mas não a sua. Ele devia ver o que é dormir numa cama de molas e comparar a diferença com um colchão de palha com troncos no meio; ele devia saber o que é dormir num quarto sem mosquito a chatear e com ventoinha a soprar fresco toda a noite... (SILA, 2011, p. 43).

Segundo Nascimento Alves, é nesse momento que

começa a apresentar-se, enfim a verdadeira Maria Daniela, construída e moldada na cultura e religiosidade europeias. Diferente da Ndani nativa; enxerga no universo colonial algumas comodidades que favorecem os pensamentos comparativos que dão a este novo momento de sua vida com os colonos uma entonação vantajosa, subalterna, é verdade, mas um lugar. Os pensamentos de Daniela são totais vestígios da perda dos preceitos autóctones que a figura da personagem apresentava de início (NASCIMENTO ALVES, 2018, p. 59).

Essa mudança de Ndani, fruto da convivência com os brancos, corrobora a afirmação de Stuart Hall de que “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento.” (HALL, 2006, p. 38). Na sequência do pensamento de Hall, Nascimento Alves afirma que: “É no envolvente efeito dessa proximidade com os brancos que surgem as identidades que se mostram preocupantes no âmbito da cultura, pois geram indivíduos fortalecidos e forjados em culturas que não são suas [...]” (NASCIMENTO ALVES, 2018, p. 59).

Imersa cada vez mais na cultura dos brancos, Ndani passa a frequentar, por obrigação, a igreja, juntamente com sua patroa. E mais uma ruptura acontece em relação à sua raiz cultural pela transformação que lhe é imposta por dona Deolinda

Ainda tinha que pentear o cabelo, Dona Linda não queria mais ver aquelas tranças de indígena. Parece que o Sacristão não gostava de ver na capela raparigas pretas com penteado de preto. Tinha que ser tudo como branco, com bandotele ou totós (SILA, 20011, p. 45-46).

Essa alteração no visual implica na total descaracterização do africano. Ndani vai, aos poucos, perdendo suas características nativas para “assumir” as dos brancos, ainda que continue a não fazer parte dessa nova cultura. Segundo Nascimento Alves (2018, p. 59), “o assimilado não consegue alcançar o objetivo de se identificar com os colonizadores, pois para eles continua sendo o Outro. Só que agora ensinado, disciplinado, domesticado, mas ainda é um sujeito diferenciado”.

Moema Parente Augel afirma no prefácio do romance *A última tragédia* que

Para submeter os povos conquistados, o colonizador considerou necessário quebrar-lhes a vontade, coisificá-los, surrupiar-lhes a língua, as crenças, as tradições, engabelá-los com mistificações e roubar-lhes a capacidade de escolha própria. Desprestigiar, desconsiderar a cultura autóctone em detrimento da cultura imposta,

embriagando o colonizado com o elixir da civilização, foi uma tática recorrente e eficiente (AUGEL, 2011, p.11).

Nessa perspectiva, dar-se-á o surgimento de uma nova identidade: Ndani deixa de pertencer à cultura da tradição em que nasceu para fazer parte de uma nova cultura, que não é a dos brancos e, sim, “a do nativo que não faz mais parte de um grupo étnico tradicional e também não é um cidadão português pleno” (NASCIMENTO ALVES, 2018, p. 59). O lugar de enunciação dessa nova cultura corresponderia, então, ao entre-lugar definido por Silviano Santiago como “o lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade [...] entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a transgressão” (SANTIAGO, 2000. p. 26).

O abuso sexual do qual tinha sido vítima e que havia contribuído para sua decepção em relação ao mundo que ela tinha sonhado ser melhor do que o que vivia em Biombo cria em Ndani um sentimento de recusa pelo mundo dos brancos, somado à sua decepção para com a religião cristã, que não só não a protegeu do abuso cometido pelo seu antigo patrão, quando servia de criada na casa de dona Deolinda, como também não a defendeu de mais um abuso sofrido com o casamento arranjado com o Régulo de Quinhamel. A aversão a essa religião é evidenciada na narrativa pelo seu diálogo com o professor, que em uma de suas visitas lhe levou o novo testamento para que o lesse, pois tinha observado, nas vezes em que foi até a casa grande à procura do Régulo, que ela lia sempre o mesmo livro de cobi.

- Aqui tens uma coisa mais interessante que uma aventura de cobois.
- O que é?
- O novo testamento ...
- Não, isso não, por favor.
- Por quê?
- Leva, leva ...
- Já leste alguma vez?
- Muitas. **Tantas vezes que agora já não posso mais. Basta. Leva, por favor ...** (SILA, 2011, p. 125) (grifos meus)

Inconformada com a sua atual situação e visando a das mulheres que são obrigadas a casar por conveniência dos pais e pretendentes, como um contrato de compra e venda, Ndani – que tinha sido forçada a casar com o Régulo – pede para o seu atual companheiro, o Professor, adicionar ao testamento que o Régulo lhe confiara a cláusula

seguinte: “[...] o casamento forçado deve ser abolido [...] Acabar com o casamento forçado e o casamento fingido. Casamento, só quando as pessoas se amam...” (SILA, 2011, p.128). Com isso, dava-se fim à tradição, para dar lugar à modernidade.

Assim, Sila, através de Ndani e suas interações com os dois mundos, cria uma personagem que não pertence nem à tradição nem à modernidade, nem ao mundo dos brancos nem ao mundo dos pretos. Ela pertence a um novo espaço identitário resultado dos dois ambientes em que viveu e que rejeitou, pois permaneceu deslocada entre eles. Uma personagem que, tal como no conto de Guimarães Rosa, “A terceira margem do rio”, fica à deriva na canoa que “não pisou mais em chão nem em capim”, ficando num “espaço intersticial” ou “terceiro espaço”, conceito proposto por Homi K. Bhabha (1998, p. 22).

2.2 A REPRESENTAÇÃO DA TRADIÇÃO E DA RESISTÊNCIA NA FIGURA DO RÉGULO DE QUINHAMEL

O Régulo⁸ é uma figura importante dentro de algumas culturas Africanas, configurando-se como um líder. No romance de Abdulai Sila, sua história é contada por ele mesmo em terceira pessoa, assumindo a função de narrador-personagem, utilizando-se dos meios de narrador onisciente e onipotente. Tanto conhecendo previamente os acontecimentos, como sabendo o que se passa na mente dos demais personagens (RICOUER, 1994).

Sobre o ato de narrar, afirma Paul Ricoeur:

[...] existe entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural. Ou, em outras palavras: que o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal (RICOUER, 1994, p. 85).

Vivendo em Quinhamel e sendo o líder de seu povoado, o Régulo viverá, no decorrer da narrativa, uma guerra contra o Chefe de Posto, o representante da autoridade

⁸ A figura do régulo representava o elo articulador entre a administração colonial e a população na localidade ou posto administrativo. Nesse sentido, a figura do régulo foi, fundamentalmente, um instrumento ao serviço da administração colonial. O mesmo já não acontecia com a figura de chefe tradicional, salvo nos casos em que este assumia, coincidentemente, também as funções de régulo (MUTAQUINHA, 1998, p. 9).

colonial. Um conflito sobre quem realmente tem poder sobre quem, e, conseqüentemente, qual cultura tem mais importância, se a autóctone ou a imposta pelo sistema colonial.

O Régulo Bsum Nanki diferia dos demais régulos pela forma de agir, que não era típica da sua cultura. Em vez de tomar sozinho as decisões importantes que lhe cabiam enquanto chefe, ele instituiu um grupo de pensadores, na função de conselheiros, chamados de Homens-Grandes, para orientá-lo, como uma forma de resistência e enfrentamento ao poder dos brancos.

Ele tinha posto três cabeças a juntar à sua. E não eram cabeças quaisquer, cabeças ocas que não sabem pensar. Eram cabeças de gente que sabia o que fazia, conhecia maduramente a vida, tanto vida de preto como vida de branco. Mas melhor ainda vida de branco Chefe de Posto. **Quando tomou o couro, foi uma das primeiras coisas que fez. Arranjou três Homens-Grandes e pô-los perto de si [...]** Disse que eram seus Conselheiros [...] (SILA, 2011, p. 67). (grifos meus).

Essa atitude diferente tomada por um Régulo causou um desconforto entre seus parentes que o criticavam, uma vez que na cultura deles o chefe não necessitava de outras pessoas para dizer-lhe o que devia fazer. Porém, ele não voltou atrás na decisão tomada.

O capítulo, “O poder do pensamento”, reforça a ideia do quanto era importante saber discernir sobre o que era certo ou errado, o que era bom para a comunidade e o que não era. Além disso, era o pensar que nutria seus constantes questionamentos sobre a real situação que então viviam os colonizados, e o levava a querer lutar pela sua liberdade, no processo de descolonização, sobretudo depois do incidente com o Chefe de Posto.

Insatisfeito com a forma como os pretos eram tratados, e, principalmente, como foi tratado pelo novo Chefe de Posto, o Chefe Cabrita, apesar de ter tentado agradá-lo, sem êxito, oferecendo-lhe alguns presentes, como era prática assim descrita por Augel: “O Chefe daquela comunidade tinha uma postura de digna Independência e, se mandava presentes ao branco e aparentemente se submetia, fazia-o, na verdade, por conveniência” (AUGEL, 2007, p. 306), o Régulo jurou vingança.

O conflito entre o Régulo e a autoridade portuguesa se dá a partir da cobrança de impostos atrasados pelo Chefe de Posto – o que nunca antes havia sido feito –, já que um Régulo, segundo a tradição, e por ser a autoridade máxima entre o povo, deveria ser isento desse pagamento. Mas o novo Chefe de Posto não se importou com a tradição e questionou: “– Está escrito nalguma lei que régulos não são obrigados a pagar os impostos? Tens documentos de isenção?” (SILA, 2011, p. 71). Essa atitude do branco feriu o orgulho e a

honra do Régulo, levando-o a tomar medidas contra o que ele considerou um desrespeito à sua autoridade.

[...] Agora está tudo nas mãos deles. Tudo o que o preto quer na terra dele tem que ter autorização do branco. Não gosta de uma tabanca, quer viver noutra sítio? Precisa de autorização. Quer ir ao fanado? Só com autorização. Quer ir visitar família numa outra terra? Tem que tirar guia. E ainda por cima tem que pagar sempre o imposto, é bom não esquecer se continuar assim, qualquer dia o preto vai precisar também de autorização pra morrer. (SILA, 2011, p.69).

Diferentemente do que pode ser entendido em uma primeira leitura, a vingança que o Régulo começa a imaginar não diz respeito apenas a uma rivalidade entre essas duas personagens em seus papéis de representantes de autoridade, do lado dos pretos, uma, e do lado dos brancos, a outra. Ela está associada à insatisfação dos pretos em relação ao fato de se verem subjugados pelos brancos. Com essa rixa, o Régulo demonstra a sua não subserviência ao invasor através de suas elucubrações, nas quais enfatizava a necessidade e a importância do pensar na tomada de decisões.

Havia muita coisa que não andava como deve ser e as pessoas deixavam andar. Porquê? Porque não pensavam. A cabeça não era só para pôr chapéu, toda a gente sabe. É para pensar também. Veja-se só como fazem os brancos. Não é que ele goste dos brancos, longe disso. Mas há que ver uma coisa, não vale a pena dizer que não se vai olhar para o rosto de uma pessoa só porque alguém disse que essa pessoa é feia. Às vezes até é necessário olhar ainda mais que é para saber exactamente o que é que é feio, se tudo é que é feio ou se há algumas coisas que não são feias. (SILA 2011, p. 68-69).

Divergia, assim, do pensamento comum do preto, o da sua inferioridade em relação ao branco. Para o Régulo, os pretos tinham a mesma capacidade de pensar que os brancos. A diferença consistia no fato de que, dentro do sistema colonial, eles estavam fadados a obedecer às ordens que lhes eram dadas. Por isso, em sua opinião, a capacidade de pensar precisava ser desenvolvida nos pretos.

Assim sendo, sua primeira articulação na realização da vingança foi, portanto, pensar: “Ele tinha pensado muito no plano. Ficou muitas semanas a pensar, a pensar com calma. Sabia que montar um plano contra um branco não era coisa de brincadeira. Era como lutar com uma pessoa que tem mais força, é preciso agir com jeito.” (SILA, 2011, p. 96).

Inicialmente, pensou em matar o Chefe de Posto, mas as consequências daí advindas não seriam boas e, tinha a certeza, os seus conselheiros não aprovariam tal ato. Posteriormente, sua ideia foi a de o colocar no *lampran*⁹, mas descartou essa ideia também.

Tinha que encontrar uma outra saída que não fosse a morte. [...] Aquilo do lampran parecia muito bom. Seria a solução ideal se não fosse branco. Mas há uma coisa no meio disso tudo que é preciso esclarecer. Se o branco faz um remédio e um preto toma esse remédio, dá certo, tem o mesmo efeito tanto no corpo do branco como no corpo do preto. Agora quando o preto faz um mezinho para um branco aí não pega. Por quê? Se mesmo o Padre diz que corpo de branco e corpo de preto é a mesma coisa, foi Deus que fez da mesma maneira, as almas também vão todas juntas para o reino de Deus, então tinha que descobrir por que é que mezinho de preto não pegava com branco. Pode até ser só complexo do preto que sempre aceita que o branco é superior. Nunca pensa por que é que as coisas são de uma maneira e não de outra maneira (SILA, 2011, p. 78).

Esses pensamentos sobre como poderia se livrar do Chefe de Posto e, conseqüentemente, de todos os brancos, o fazem perceber que os meios utilizados dentro da sua cultura não seriam eficientes. Logo, ele necessitaria unir os elementos de sua cultura com a cultura do branco, para, assim, obter o resultado almejado.

Após muito pensar, o Régulo passou a fazer uso de elementos presentes nas duas culturas. Segundo Nascimento Alves (2018, p.64), “Nesse tipo de resistência, o sujeito faz uso de elementos da cultura europeia em favor de si próprio, transformando esses elementos, utilizando-os de forma subvertida e acima de tudo questionando sua real condição em relação ao Outro.” Desse modo,

Pensou o seu plano, portanto, com calma e paciência. Tinha que controlar o Chefe, ele já estava controlando. Tinha que construir uma casa grande como a casa do Chefe, estava a construir, já quase a acabar. Tinha que encontrar uma mulher e encontrou. [...] Há ainda alguns problemas que é preciso discutir com os Conselheiros. Mas é uma rapariga solteira, que nunca teve homem, que sabe ler e escrever, que viveu muitos anos com brancos, que entende muito bem de flores e jardins. (SILA, 2011, p. 97).

Em relação à construção da casa, Nascimento Alves (2018, p. 65) cita Bsum Nanki que vê a casa como “a necessidade da edificação de um templo espiritual e majestade tal qual a imagem que o branco tenta diuturnamente impor com sua presença aos nativos”. E isso se reafirma com a construção da casa do Régulo quando comparada à do Chefe.

⁹ Utensílio utilizado para atirar pedras.

No que tange à concretização de seu plano de casamento, para o Régulo, pouco importava o meio a ser utilizado. Com dinheiro, todas as dificuldades seriam resolvidas.

Quem disse que ela tinha que ser solteira? Mesmo que tivesse homem, ele tomava. Tomava a mulher, mas sem o homem, isso deve ficar claro. Pagava dinheiro aos parentes todos para calar a boca. O pai não quer? Dá-lhe dinheiro; se quiser vacas ou porcos, também pode ter. A mãe pensa que é vergonha demais acabar o casamento da filha de um dia para outro? Dá-lhe também dinheiro, ou então roupa fina ou fios e brincos de ouro, tudo serve. Depois é só os tios, as tias, primos e não se sabe que mais. Dava dinheiro a todos! (SILA 2011, p. 88).

Dessa mesma forma ele resolveria a situação do “homem da mulher” que escolhesse para ser sua sexta esposa.

Para o homem dela também arranjava uma solução sem problemas. Se vier com muito nhama-nhama e não concordar, então arranja-lhe problemas sem solução, depende de como ele for esperto [...] Se não quisesse com boa conversa, de homem para homem, amigavelmente, tinha outros recursos que podia usar. Desde que seja preto, a gente encontra rápido uma solução. (SILA 2011, p. 88).

Esse modo de casamento faz parte da tradição africana. Em Angola, por exemplo, se chama alambamento, em Moçambique, lobolo. É por meio de um casamento arranjado que Ndani chega a Quinhamel. Com tudo premeditado, o Régulo continua a dar passos de grande importância para o seu povo. Depois da construção da casa e do casamento ele decide que é necessária a criação de uma escola nos moldes do que era feito na missão. Para a realização dessa empreitada ele contou com a colaboração influente de Dona Deolinda e do Padre. “O cristianismo, nas áreas coloniais, é uma domesticação da população indígena: objetivamente, atrai o africano para o pensamento e costumes europeus; subjetivamente, liberta o europeu dos seus terrores do africano, ao incluí-lo nas mesmas regras de conduta que são suas também” (ANDERSON, 1966, p. 67).

De acordo com Nascimento Alves,

O que não é mais segredo sobre os planos do Régulo é que este na verdade pretendia levar o conhecimento a todos e por meio do valor do pensamento fomentar a luta contra a opressão colonial que para ele não carecia de força; a inteligência e o conhecimento eram os elementos mais necessários. Na região a educação dos colonizados era feita pelos missionários, que lhes ensinavam a língua do colonizador e os catequizavam (NASCIMENTO ALVES, 2008, p. 67).

Essa atitude do Régulo tem um caráter de conscientização e a escolha do professor que estaria apto a dar aula contribuía para a luta que seria travada futuramente. Porém a escolha não foi bem visto pelos moradores, pois o professor era preto e não branco: “Um professor preto? Por que não um branco, como nas outras terras? O branco sabe mais, pode ensinar mais. Agora, o que é que um professor preto sabe? Ainda por cima com cara de criança que tinha acabado de sair da mama...” (SILA, 2011, p. 103)

Ao colocar um preto como professor, o Régulo quis mostrar que o preto e o branco estão no mesmo patamar de inteligência, quebrando aquele paradigma internalizado de inferioridade da raça.

Decidido a levar adiante a sua proposta de reivindicação de seus direitos, é através do Professor que seu testamento será posto em prática, juntando a tradição, a voz, com a modernidade, a letra. Porque apesar de sua condição de chefe o Régulo não sabia escrever; ao chamar o Professor e pedir-lhe que escrevesse seu testamento, ainda que incompleto, ele cria meios para que sua voz seja ouvida pelas próximas gerações.

Isso é para toda a gente desta terra, mas mesmo toda gente... [...] É para os meus parentes e para os parentes dos outros também. É para toda a gente que quer. É por isso que quero isso escrito [...] um plano de como tirar os brancos a mandar nesta terra. Não! Não é matar ninguém. Não é matar nem expulsar ninguém. É só pôr os brancos no seu lugar. [...] Essa coisa de uma pessoa ir mandar na terra de outras pessoas não me agrada, não estou de acordo. (SILA, 2011, p. 110-116).

Esse testamento é um legado em forma de documento deixado por ele como incentivo à luta contra a colonização e sobre a conseqüente necessidade de retirada do poder dos brancos.

Os homens-Grandes diziam que dantes, quando o branco chegou, ele é que pagava impostos ao preto. Agora os pretos é que pagam. As coisas mudaram. Porquê? Há muita gente que não conhece o motivo, nem nunca vai conhecer. Porquê? Porque não pensou no assunto. (SILA, 2011, p. 69)

Segundo Anthony Giddens citado por Stuart Hall no livro *A identidade cultural na pós-modernidade*,

Nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular

na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (Giddens apud Hall, 2006, p. 14).

E Hall continua na mesma linha de pensamento, afirmando que “As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele tempo perdido”, quando a nação era “grande”; são tentadas a restaurar as identidades passadas” (HALL, 2006, p. 56). É a busca dessa liberdade como nação, da liberdade de cultura que o Régulo idealiza em seu testamento e o transmite ao Professor para que ele possa ser um portador ideológico dessas mesmas ideias, as disseminando entre o povo.

2.3 O PROFESSOR E AS INQUIETUDES REVOLUCIONÁRIAS DO NOVO

O Professor também é uma personagem representativa dentro do romance. Atraído a Quinhamel por intermédio do Régulo, ele é um dos primeiros frutos colhidos por Dona Deolinda em sua empreitada de salvação dos indígenas. Sua representação, num primeiro momento, é a da figura do negro assimilado, educado dentro dos moldes da missão, a fim de ser oficialmente reconhecido como civilizado. Segundo Hamilton (2000, p. 14) “para ser considerado assimilado, o indígena via-se obrigado a abandonar os usos e costumes tradicionais, adotar a religião cristã, falar e ser alfabetizado em português e portar-se sob as normas do sistema econômico imposto pelos colonizadores.”

Essa configuração de sua identidade vai, entretanto, sofrendo alterações no decorrer da narrativa, pois ele passa a perder o seu “pensamento de branco”, rejeitando a cultura que não é a sua, e começando a se interessar pela cultura local, a do preto.

À tarde, as sessões de catequese foram substituídas por desporto. Corriam e jogavam futebol todos os dias. O professor falava cada vez menos das coisas do céu. Os alunos pensaram que era uma situação passageira, sol de pouca dura, mas enganaram-se. As coisas da terra passaram a ter prioridade. Queria saber quando é que seria o próximo fanado; quem era o melhor tocador de tambor; quando é que seria o toca-tchur de fulano de tal e tal. (SILA, 2011, p. 134-135).

Para o estranhamento da comunidade o Professor não mantinha relações sociais com Chefe de Posto e nem com o Administrador, o que, para os habitantes, seria uma relação comum já que o Professor era instruído intelectualmente tanto quanto eles, os brancos. Esse

distanciamento se dá por conta dos traumas de infância que ele carregava em si. Traumas relacionados ao que acontecera a seu pai, que ao vender alguns balaios a um comerciante sentiu-se enganado por este em relação ao valor pago, tendo-o, por isso, chamado de ladrão. Obem Ko, o pai do professor, acabou levando uma bofetada como resposta. Após o ato do comerciante, devolveu-lhe a bofetada três vezes mais, seguida de um pontapé. Por essa reação Obem Ko acabou sendo preso e levado aos trabalhos forçados. Lá matou o capataz e dois ajudantes. Posteriormente, cometeu suicídio.

Como já mencionado, o Professor foi escolhido a dedo pelo Régulo para assumir a escola. E o motivo dessa escolha foi o ato de bravura que seu pai tivera, tornando-o admirável aos olhos do Régulo. Aquela atitude paterna colocou o Professor como uma espécie de herói, já que em suas veias corria o sangue do inconformismo e da resistência ao jugo do branco.

Distanciado dos Chefes brancos, ele estabeleceu relações com o Régulo, preto, como ele, e com uma visão ampla do mundo, mesmo sendo um analfabeto e não civilizado, dentro das práticas civilizatórias da assimilação. Após ampla reflexão, o Professor entendeu que em vez de se posicionar a favor ou contra a cultura do negro, à qual naturalmente pertencia, e a do branco que lhe fora imposta, o mais sensato seria fazer uso de seu conhecimento para, através dele, questionar o lugar do negro na sociedade colonial. (NASCIMENTO ALVES, 2018, p. 75).

Mais tarde, e perturbado pelas lembranças que tinha do pai e do Régulo atribuídas ao nome e à imagem de seu filho, o Professor rasgou o testamento, que não legava bens, mas sim ideias “para toda a gente” na fomentação de liberdade do jugo colonial. Passados alguns dias e, para a sua surpresa, ele viu-o reconstruído dentro de um dicionário. Ao examiná-lo, constatou tratar-se do testamento que o Régulo lhe tinha pedido para escrever, deixando registrados por escrito pensamentos de liberdade, para serem transmitidos às próximas gerações, uma vez que eles findariam se acaso o fizesse apenas oralmente. Diante desse documento e do “milagre” de sua recuperação, como prova de resistência, a mente do Professor se abre e ele entende a importância daquelas palavras que nada mais eram do que o plano do Régulo para a retirada dos brancos. Ele “tinha que conhecer aquele plano” (SILA, 2011, p. 139).

O Régulo tinha entendido que a transmissão de seus pensamentos, se feitos da forma tradicional, ou seja, oralmente, poderiam se perder com o tempo, levando-os ao

esquecimento. Mas, a partir do momento em que ele faz uso da escrita, como elemento da modernidade, seus ideais estariam protegidos do esquecimento, e conseqüentemente, não seriam passíveis de alterações, pois permaneceriam na íntegra, visto que, ao serem registrados em papel, haveria uma maior facilidade na propagação de seus pensamentos. E o próprio fato desse testamento, mesmo após de ter sido rasgado, reaparecer dentro de um dicionário, que é o símbolo da busca por conhecimento, era a prova evidente de sua importância. Nesse contexto a modernidade se sobressai à tradição, já que esta não teria a força necessária para a propagação da idealização libertária do Régulo.

Esse surgimento do testamento mostra que, efetivamente, suas ideias tem uma coerência com o objetivo do dicionário que é o de tirar dúvidas e de buscar certezas em relação às palavras. Logo, o reaparecimento do testamento no dicionário foi a grande metáfora da importância da sua mensagem. A ideia da expulsão dos brancos era algo que não poderia ser esquecido mas sim preservado em lugar sinônimo de conhecimento como o dicionário.

Ao dar-se conta disso, o Professor, “mandou cada aluno fazer uma cópia do testamento e guardar em casa” (SILA, 2011, p. 140), semeando o legado deixado pelo Régulo e expandindo o pensamento de liberdade a toda a comunidade. Suas reflexões acerca de seu papel e de sua educação cristã o levaram a questionar-se sobre o que os padres lhe tinham ensinado. Se esses ensinamentos estavam de acordo com o que se passava com os pretos, pois

Castigar gente inocente era pecado. Como é que aqueles brancos não sabiam? Iam à missa todos os domingos, mas durante a semana não faziam outra coisa senão pecar. Pecado em cima de pecado [...] os Padres sabiam disso? [...] diziam sempre que se devia amar o próximo... Não era castigar, nem matar. Ou será que os brancos que mandavam na terra não consideravam talvez os pretos seus semelhantes?” (SILA, 2011, p. 141).

Para Letícia Valandro,

O Professor, apesar de assimilado, de catequizado, de ter assumido como verdadeiros os mandamentos católicos, não deixava de perceber que as práticas coloniais não condiziam com esses, aliás, iam totalmente de encontro aos princípios cristãos. Só faziam sentido a partir da falsa percepção do africano como um ser inferior, não humano (VALANDRO, 2011, p. 63).

Além disso, ele passou a ver ainda mais as injustiças que o preto sofria, decorrentes do total descaso do branco colonizador, o que aumentava a sua revolta por mudança, diante do quadro que via: “a miséria das populações, as crianças com cara de adulto e barriga pinpinhida que lhe enchiam os olhos por todo o lado, o poder dos brancos que tinham vindo de longe para exercer uma autoridade sem limites...” (SILA, 2011, p.153).

Entretanto,

[...] sabia que algo estava acontecendo no continente, um vento novo estava a soprar. Um vento que anunciava liberdade e progresso. As reivindicações estavam a aumentar por todo o lado, as exigências dos povos colonizados estavam a ganhar nova expressão e dimensão. As práticas de injustiça não iriam durar eternamente. Deus não iria querer isso... (SILA, 2011, p. 153).

Segundo Basil Davidson, “quando os povos tomarem o poder nas suas próprias mãos, como farão com certeza, dada a marcha dos acontecimentos neste continente, desaparecerão todos os obstáculos a uma efectiva solidariedade africana”. (DAVIDSON, 2010, p. 172). Configurando, dessa forma, o despertar dos guineenses rumo à descolonização, rumo à liberdade.

Após a morte do Régulo, o Professor e Ndani ficaram livres para viverem seu amor. Os dois resolveram fazer morada em Catió, “Terra distante, isolada do resto” (SILA, 2011, p 147). Lá, junto com seus filhos, “ambos úteis e respeitados na comunidade onde tinham integrado” (AUGEL, 2007, p. 306), buscaram a felicidade. Entretanto, ela, a felicidade, foi, súbita e inesperadamente, interrompida. Durante uma partida de futebol, jogo que era tradição aos domingos na cidade, entre o time dos “casados”, integrado por brancos e pretos assimilados, e o time dos “solteiros”, formado por pretos, e do qual o Professor participava, por insistência da mulher, ele envolveu-se em uma briga com o novo Administrador de Catió, que era o antigo Chefe de Posto de Quinhamel. Em uma jogada o Professor derrubou o filho do Administrador, o qual lhe lançou injúrias. Nesse momento do acontecimento o Administrador Cabrita saiu em defesa do filho e partiu em direção ao Professor e o esbofeteou na face, ato que reavivou nele as suas memórias, de quando seu pai fora esbofeteado por um comerciante branco. E assim como seu pai havia feito no passado, ele também revidou a bofetada dada pelo Administrador e “no instante seguinte era o seu punho a embater nas bochechas do branco” (SILA, 2011, p. 159).

Todos os que estavam presentes ficaram surpresos com a reação do Professor, assunto que rendeu os próximos dias. Um fato veio agravar a situação: o Administrador Cabrita morreu uma semana após o incidente e o Professor foi acusado pela sua morte, apesar da causa da morte ter sido um acidente doméstico, uma queda dentro do banheiro de casa, que desencadeou uma lesão cerebral, fatal. O inspetor encarregado da investigação, ao saber da desavença entre os dois, acusou o Professor de assassinato, não levou em consideração a informação do médico que o acompanhava de que “as duas coisas não têm nada a ver uma com a outra” (SILA, 2011, p. 171).

O Professor foi levado a julgamento no mês seguinte e, pela primeira vez, um branco, o médico, ergueu a voz para defender um preto, revelando a verdadeira causa da morte do Administrador.: “[...] este homem, este homem aqui sentado, este homem que está sendo acusado, não assassinou, não matou o senhor Cabrita! Ninguém matou o senhor Cabrita” (SILA, 2011, p. 174). Mas a sua voz não foi ouvida, interrompida por gritos de “‘traidor’, ‘porco’, ‘comunista’ e muitos outros nomes” (SILA, 2011, p. 174).

Não obstante a palavra juramentada do médico, o Professor foi condenado em um julgamento realizado em outro dia, só para brancos, pois não permitiram a entrada de Ndani e dos demais pretos. O médico que contestou e defendeu o Professor foi afastado e teve que retornar à metrópole. Mas, antes de partir, ele procurou reparar aquela injustiça, ajudando Ndani a visitar seu marido na prisão antes de ele ser enviado para São Tomé, lugar onde iria cumprir a pena. Avisando-a de que fora obrigado a regressar a Portugal, o médico “apertou-lhe a mão e disse, com um rosto muito sério, que um dia aquelas coisas iriam acabar...” (SILA, 2011, p. 178). A natureza das palavras do médico revela que “entre os brancos pode haver uns que são a favor do colonialismo e outros que são anticolonialistas” (CABRAL, 2016, p. 11).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou analisar, no romance *A Última Tragédia*, a construção identitária de três personagens, Ndani, o Régulo e o Professor, a partir da sua interação “com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos oferecem.” (HALL, 2006, p. 11).

Se por um lado a obra nos revela uma personagem, Ndani, em busca de sua aceitação no mundo dos brancos, por outro lado, a narrativa apresenta o Régulo como representante da cultura local na qual está inserido. Ndani é a personagem que num primeiro momento se deixa mudar de nome, já que “Ajudou um bocado os dois nomes serem parecidos” (SILA, 2011, p. 32), diferentemente do Régulo que não aceita essa tentativa de quebra identitária, posicionando-se em defesa do seu eu identitário: “O Chefe achou o seu nome de Bsum feio, dizia Betume e ria [...] Um dia disse-lhe para parar com o gozo” (SILA, 2011, p.79). Nesse ponto, as duas personagens diferem, Ndani aceita essa mudança, pois lhe é pintado, por uma de suas madrastras, o mundo dos brancos como um mundo melhor do aquele onde ela vivia. Por meio dessa alusão ao que seria bom para ela, passa a aceitar as transformações impostas pela política de assimilação, gerenciada pelo colonizador, para tentar se encaixar no mundo dos brancos. O Régulo não aceita essa imposição e dá sinais de sua inconformidade para com a situação que o cerca. Vê-se essa insatisfação nas ideias constantes no seu testamento.

À medida que a narrativa avança, logo percebemos que as representações identitárias não são fixas e heterogêneas, mas, sim, mutáveis e homogêneas. As personagens de Sila estão em constantes movimentos. Para criar seu mundo, Ndani absorve as ideias e concepções dos dois mundos – o do preto, referente à sua raiz cultural, e o do branco, referente ao imposto por Dona Deolinda – e termina por não pertencer realmente nem a um nem a outro, criando o seu próprio espaço identitário, o entre-lugar; o Régulo, mesmo centrado na tradição, usa a cultura do outro para beneficiar sua própria cultura e traçar planos para a retirada do colonizador, apelando para a modernidade, a letra, para levar adiante os seus ideais de liberdade; o Professor, que chega a Quinhamel com a cabeça totalmente centrada na cultura do colonizador e indiferente ao modo como seus semelhantes viviam e eram tratados, passa a rever suas ideias de concepção do mundo e avança em retorno às suas

raízes culturais, uma vez que passa a ter noção da sua realidade, que é a realidade dos pretos. Sua mudança de pensamento entra em acordo com que diz Mercer (1990) citado por Nascimento Alves (2018, p. 135), “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”.

REFERÊNCIAS

AMADO, Leopoldo. **Guiné-Bissau: 30 Anos de Independência Africana**. Studia, 8, 2005.

ANDERSON, Perry. **Portugal e o fim da Ultracolônialismo**. Tradução Eduardo de Almeida. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

AUGEL, Johannes; CARDOSO, Carlos. **Transição Democrática na Guiné-Bissau e outros Ensaios**. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa - INEP, (Coleção Kaku Martel), Vol. 10, 1996.

AUGEL, Moema Parente. **O Desafio O Escombro: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio De Janeiro: Garamond, 2007.

AUGEL, Moema Parente. Três faces da nação. Prefácio. In: SILVA, Abdulai. **A Última Tragédia**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011. p. 11.

BEZERRA, Rosilda Alves. **Ambivalências e relações de alteridade entre colonizador e colonizado em A última tragédia de Abdulai Sila**. Anais do IV Colóquio Internacional de Cidadania Cultural: diálogos de gerações. Campina Grande: EDUEPB, 2009.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução: Myrian Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CABRAL, Amílcar. **Unidade e luta**. Disponível em:

<<https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/04/amc3adlcar-cabral-textos.pdf>>. Acesso em: 17 mai. 2020.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, figuras, cores, números)**. Tradução: Vera da Costa e Silva. 23ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

DAVIDSON, B. **A libertação da Guiné:** Aspectos de uma revolução africana. Lisboa: Sá da Costa. 2010.

DJAU, Malam. **Trinta Anos De Golpes De Estado Na Guiné-Bissau:** Uma Análise Da Elite Militar. Dissertação de Mestrado. UFPR – Curitiba 2016.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural Na Pós-Modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª. Ed. Rio de Janeiro: DPA, 2006.

HAMILTON, Russel. **Literatura Africana, Literatura Necessária:** II- Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. Lisboa: Edições, 1984

HAMILTON, Russel. Introdução. In: CAMPOS, Maria do Carmo Sepúlveda; SALGADO, Maria Teresa. **África & Brasil:** letras em laços. São Paulo: Atlântica, 2000.

HISTÓRIA DO PAIGC. Disponível em: <<http://www.paigc.net/historia.html>>. Acesso em: 14 Out. 2019.

MUTAQUINHA, J. (1998). Introdução. In Lundin, I. B., & Machava, F. J. **Autoridade e poder tradicional (v. II).** Maputo: Ministério da Administração Estatal – Núcleo de Desenvolvimento Administrativo.

NASCIMENTO ALVES, Jonh Jefferson do. **NARRATIVAS PÓS COLONIALISTAS: A** Representação do nacionalismo guineense em Abdulai Sila. Dissertação de Mestrado. UERN – Pau dos Ferros 2018.

PEREIRA, Aldaneide Silva. **Conflitos identitários em a última tragédia de Abdulai Sila.** Trabalho de Conclusão de Curso. UEPB – Guarabira 2010.

PINTO, Paula. **TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA GUINÉ-BISSAU: UMA PERSPECTIVA INTERPRETATIVA DO SUBDESENVOLVIMENTO**. Disponível em: <<https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/23213/2/tesemestpaulapinto000093779.pdf>>.

Acesso em: 14 Out 2019.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa (tomo I)**. Campinas: Papyrus, 1994.

ROSA, J.G. A terceira margem do rio. In: **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora; Editora Civilização Brasileira; Editora Três, 1974.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SEMEDO, Odete Costa. **Guiné-Bissau: história, culturas, sociedade e literatura**. Belo Horizonte; Nandyala, 2010.

SILA, Abdulai. **A Última Tragédia**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

SILVA, F. Delfim da. **Guiné-Bissau Páginas de história política, rumos da democracia**. Bissau: Firquidja Editora. 2003.

TRIGO, Salvato. **Ensaio de literatura comparada afro-luso-brasileira**. Lisboa: Vega, s/d.

VALANDRO, Letícia. **A difícil Mistida guineense nação e identidade da Guiné-Bissau através da trilogia de Abdulai Sila**. Dissertação de Mestrado. UFRGS – Porto Alegre 2011

.